

DIFERENÇA, EXPERIÊNCIA E TRAJETÓRIAS DE VIDA: A CONSTITUIÇÃO FORMATIVA DE LGBTS NA CIDADE DE PELOTAS

RODRIGO DA SILVA VITAL¹; MÁRCIO RODRIGO VALE CAETANO²

¹Universidade Federal do Rio Grande – rodrigosvital@yahoo.com.br

²Universidade Federal do Rio Grande – mrvcaetano@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho retoma o projeto de pesquisa vinculado ao programa de doutorado em educação e ciências da Universidade Federal do Rio Grande, tendo o objetivo de evidenciar e compreender como as experiências de vida, marcadas por uma diferença sexual não normativa – lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transsexuais (LGBT) – influenciam a constituição de sujeitos.

Este estudo se baseia na premissa de que essa constituição, de alguma forma, interage com as diferenças que são produzidas em cada pessoa; o que inclui os meios de educação, seja escolar ou não escolar. A partir disso, é entendido que os processos educadores também influenciam o ato de ser, já que eles perpassam a maneira de existir.

Segundo Boendía (2002), a experiência se produz quando o acontecimento atravessa o sujeito envolvido, ultrapassando a função de informá-lo ou de conduzir uma comunicação. Isso, unido ao conceito proposto por Joso (2009), formação como um conjunto de acontecimentos, sugere a experiência como algo formador, evidenciando a tríade *experiência, formação e constituição*.

Considerando as ideias de Gil (2005), é importante pensar que a constituição vai além de uma subjetividade – colocação que atribui importância àquilo que é singular. Assim, a singularidade seria o território máximo do processo de diferenciação, pois enquanto o subjetivo pessoaliza a vida social, a singularidade conduz o reconhecimento de si. No entanto, mesmo que a constituição transcendia a educação social, intelectual e profissional, o que incluiria o processo de subjetivação, ela também envolveria a experiência com as suas formações.

2. METODOLOGIA

Considerando a importância de delimitar um objeto de pesquisa, aumentando a viabilidade do estudo, escolheu-se as diferenças em torno da sexualidade não normativa (pessoas LGBT). No entanto, tal escolha não possui somente importância para os dias atuais, mas também envolve a pessoalidade do pesquisador, além do tecido cognoscível das histórias de vida e formação dos outros participantes.

Assim, ele parte de um problema pessoal, mas que ao mesmo tempo coletivo: *como as experiências vividas, de um modo geral e de um modo singular, conduzem, distorcem, formatam, influenciam ou promovem as constituições de sujeito?* Tal problema, de uma forma interessante, se relaciona à singularidade dos sujeitos de pesquisa, mas alcança os reflexos de uma vida social: inclui estética, ética e política.

Frente a isso, o presente estudo se faz qualitativo, pois concorda com Bauer (2008) ao considerar os aspectos humanos do objeto pesquisado. Além disso, possui um formato transversal, já que acontece em um único período de tempo.

Sendo assim, se trata de um estudo descritivo, crítico e interpretativo, pois prevê a descrição dos fenômenos, além da análise crítica e a interpretação dos sujeitos de pesquisa. Estes, por sua vez, são pessoas não heterossexuais (auto declaradas), que conseguem estabelecer comunicação verbal entendível e que assinam o termo de consentimento livre e esclarecido, sendo importante entender que o referido grupo, com exceção do pesquisador, possui a idade igual ou superior a sessenta anos; o que, supostamente, permite a exploração de repertórios mais amplos.

Sem haver uma ordem pré-estabelecida, a pesquisa possui duas etapas: a primeira consiste na construção cartográfica sobre a vida do próprio pesquisador, mapeando as experiências e formações, bem como as projeções de um futuro possível, além da captura de sentidos ou significados em sua constituição; a segunda etapa considera a pesquisa narrativa, envolvendo a produção e a interpretação das histórias de vida dos participantes – o que permite refletir os acontecimentos significativos que, por sua vez, também se relacionam à constituição dos sujeitos.

A captura e a análise das histórias de vida, intencionalmente, serão fundamentadas na pesquisa-formação proposta por Josso (2009), que vê a narrativa como o processo de rememoração, organização das informações e o registro das histórias de vida. Tal situação prevê um trabalho consciencial que, por sua vez, promove informações para além do conteúdo narrado, envolvendo aprendizagem e formação. Assim, os sujeitos são convidados compor narrativas para a gravação, transcrição, pré-interpretação (feita pelo pesquisador) e, por fim, o balanço final – exposição dos achados para a confirmação, negação ou modificação segundo os sujeitos de pesquisa (cointerpretação).

Já a cartografia obedece os pressupostos de Deleuze e Guatarri (1995), se constituindo num mapa que demarca as linhas de força, sentidos e significados que atravessam o sujeito mapeado, bem como os acontecimentos que atravessam os seus processos de desterritorialização; o que representa a dinâmica da constituição pessoal que, por sua vez, se expõe a forças sociais, culturais e políticas.

Por fim, acredita-se que a relação reflexiva entre as etapas, provavelmente, produzirá um conhecimento mais pragmático, evidenciando os acontecimentos políticos, sociais ou subjetivos que participaram da subjetividade dos sujeitos envolvidos, agindo, interagindo e reagindo com as suas diferenças (a sexualidade não normativa), tencionando e intencionando a sua singularidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando a intencionalidade do estudo, é importante definir o foco da arguição: a experiência como o meio formador. Sendo assim, apesar da impressão que o aproxima do campo da psicologia, dado o costume de envolvê-lo com estudos sobre a constituição subjetiva, a proposta é compreender como uma experiência, de uma forma igualmente forma conceitual e pragmática, se relaciona à formação de um sujeito no presente. Mais do que isso, é importante entender como a educação, no sentido mais amplo da palavra, se soma a essa produção.

Assim, a presente pesquisa se apoia nas quatro dimensões: a experiência vivida; a percepção da experiência vivida; a constituição narrada; e a dimensão da diferença estruturante. Tudo isso permite pensar que a experiência, acontecida no ato de viver, fomenta o sujeito a ser o que ele é, influenciando os sentidos que possui sobre o mundo; o que teria a ver com a diferença que o mesmo produz,

sendo importante mencionar o estudo, de nenhuma forma, discute a identidade de alguém – apesar de aludir ao verbo ‘ser’, o mesmo comunga com as ideias de Deleuze e Guatarri (1995): uma pessoa nunca é essência, já que está em constante mutação, se produzindo num devir a ser que, mesmo capturado em um conceito imagético, terá mudado logo em seguida (deixará de ser a imagem impressa).

4. CONCLUSÕES

Dada a complexidade e o seu estado inicial, a presente proposta se encontra em processo de estruturação (período anterior à sua realização material). Por isso, os resultados aqui compreendidos, sem dúvida, pertencem à fundamentação ideológica da própria pesquisa – conceitos de experiência, diferença, singularidade e formação.

Além de evidenciar e refletir os aspectos constituintes que estejam relacionados à experiência de vida, lembradas e significadas (no âmbito do sentido), mediante a produção de narrativa, a relevância do estudo também se relaciona à questão do sujeito LGBT, produzindo compreensão dos acontecimentos que perpassam a sua diferença e, com isso, influencia a subjetivação e a singularização frente à norma social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência. Rev. Brasileira de Educação, Barcelona, n. 19, p. 20-28. Jan. 2002.

GIL, J. Sem Título – Escritos sobre Arte e Artistas. Lisboa: Relógio D’ Água Editores, 2005. p. 17-46.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 1995. 95 p.

JOSSO, M. C. As Histórias de Vida como metodologia de pesquisa-formação. In. HACK, J. L.; FIGUEIREDO, M. X. (Org.). Experiências de Vida e Formação. Pelotas: Editora da UFPel, 2009. p.55-98.